
DIFERENÇAS E LINGUAGENS: A visibilidade dos ganhos surdos na atualidade

Carlos Henrique Rodrigues^(*)
Ronice Müller de Quadros^(**)

INTRODUÇÃO

É um desafio para nós tratarmos aqui de um tema tão amplo e complexo: *diferenças*, *linguagens* e *ganhos surdos*. Esse é um tema que perpassa nossa trajetória acadêmica e pessoal por diversos vieses específicos. As *linguagens* são abordadas por nós de diferentes perspectivas, tanto daquela que compreende a linguagem em si, entendendo-a como língua, quanto daquela que compreende a linguagem como o visual, o gestual, o simbólico, o midiático, o expressivo, o comunicacional, o interativo, e de tantas outras maneiras que estão o tempo inteiro ressignificando nossa noção do que vem a ser linguagem(ns).

Numa perspectiva semelhante, compreendemos as *diferenças* como parte do humano. Nesse sentido, as *diferenças* não exaltam nem inferiorizam a ninguém, mas a maneira como são produzidas e historicamente significadas geram tensões sociais, as quais, muitas vezes, são responsáveis por excluir e por invisibilizar diversos grupos que não correspondem a determinados padrões valorizados num dado tempo e espaço sociais.

As *linguagens* que aproximam as nossas discussões teóricas e as nossas práticas cotidianas, atualmente, são aquelas que marcam, caracterizam e distinguem a Comunidade Surda. Um grupo que, assim como qualquer outro grupo humano, é singularizado por suas *diferenças* linguísticas e culturais, as quais se manifestam por meio de uma língua gesto-visual e por uma experiência

^(*) Possui graduação em História (2002), mestrado em Educação (2008) e doutorado em Linguística Aplicada (2013) pela Universidade Federal de Minas Gerais. Atualmente é professor adjunto do Departamento de Artes e Libras da Universidade Federal de Santa Catarina, coordenador do Grupo de Pesquisa em Interpretação e Tradução de Línguas de Sinais (InterTrads/UFSC) e pesquisador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação e Diversidade (NEPED-UFJF). Tem experiência na área da educação, com ênfase em educação e diversidade, e na área da Linguística Aplicada, com ênfase em Estudos da Tradução e da Interpretação, atuando principalmente nos seguintes temas: língua de sinais brasileira, educação de surdos e tradução e interpretação de língua de sinais.

^(**) Possui graduação em Pedagogia pela Universidade de Caxias do Sul (1992), mestrado (1995) e doutorado (1999) em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, com estágio na *University of Connecticut* (1997-1998). Pós-doutorado na *University of Connecticut* e *Gallaudet University* (2009-2010). Atualmente é professora associada da Universidade Federal de Santa Catarina, pesquisadora 1D do CNPq, membro editorial dos seguintes periódicos: Espaço (INES) (0103-7668) e *Sign Language & Linguistics* (1387-9316). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Psicolinguística e Linguística Aplicada, atuando principalmente nos seguintes temas: língua de sinais brasileira, aquisição da língua de sinais, educação de surdos e tradução e interpretação de língua de sinais.

cultural cunhada na visualidade. Portanto, a questão que se destaca é a das Línguas de Sinais e de seus impactos sociais, ao lado da especificidade linguística e cultural de seus falantes: os surdos.

Essa temática, “*linguagens e diferenças*”, no campo dos Estudos Surdos, é extremamente importante na atualidade, pois impacta a educação, a formação de professores e diversos outros espaços e esferas sociais de maneira significativa. Nesse sentido, tecemos, neste artigo, uma discussão dentro do recorte “*linguagens, diferenças e ganhos surdos*”, com o intuito de melhor entendermos, a partir de nossas trajetórias e experiências junto aos surdos e às Línguas de Sinais, quais seriam os *ganhos surdos*, assim como seus sentidos, significados e relevância atual.

AS DIFERENÇAS E AS LINGUAGENS: UMA APROXIMAÇÃO

Quando falamos em *diferenças e linguagens*, imediatamente precisamos nos perguntar: De quais *diferenças* estamos falando? Referimo-nos a quais *linguagens*? Como *diferenças e linguagens* se relacionam? É interessante que olhemos para essas questões de mais de um prisma teórico, pois não há uma só maneira de se conceber e de se lidar com as *diferenças* e com as *linguagens*. Uma breve reflexão sobre o tema nos permite identificar conceitos dos mais diversos. Além disso, de acordo com o momento histórico em que vivemos, desenvolveremos olhares específicos sobre o que são *diferenças* e o que são *linguagens*. O conhecimento cumulativo em cada época serviu de base para que as *diferenças* fossem vistas de maneiras bem distintas daquelas que temos hoje. Atualmente, vivemos outro momento histórico, outro instante, outro tempo, outro espaço, que nos permitem olhar para as *diferenças* de forma bem singular.

É importante destacar que aqui não estamos falando de “diferença e linguagem”, mas, sim, de *diferenças* e de *linguagens* no plural. Portanto, temos como foco de diálogo e de reflexão as *diferenças* e as *linguagens*. Esse plural já traz para nossa conversa uma perspectiva específica. O plural pressupõe que não há somente a diferença, única, pois existem *diferenças*. Não estamos restritos a noção de a linguagem, já que estamos falando de *linguagens*. Outro ponto importante, é que os conceitos, as ideias, as emoções e os sentidos, que são evocados por essas palavras são diversos e dependem muito do olhar que cada um de nós lançará sobre as *diferenças* e as *linguagens*, separadamente e em suas múltiplas e infinitas relações. Ao nos depararmos com as *diferenças* e com as *linguagens*, teremos visões distintas, as quais partem de nossa constituição como sujeitos únicos e singulares. Cada um entende de uma forma, cada um compreende do seu lugar, a partir da sua referência.

Neste texto, usamos, por diversas vezes, essas duas palavras unidas por uma conjunção aditiva “e”. Quando unimos essas duas palavras distintas e com significados específicos, certamente elas constroem outra ideia, passam a ter um novo significado. Unidas elas evocam novos sentidos, pois seu significado passa a ser partilhado. Esses novos sentidos e efeitos que são produzidos, quando deixamos de considerar as palavras isoladamente, certamente nos interessam aqui. Embora quiséssemos não nos posicionar em uma perspectiva teórica específica, estamos conscientes de que não há como abordar as *diferenças* e as *linguagens* sem nos localizarmos em algum lugar. Por mais que problematizemos essas questões de diferentes vieses, as nossas possibilidades de reflexão dependem sempre de estarmos com os nossos pés fincados em algum lugar. Por mais que tentemos disfarçar o nosso discurso ou isentá-lo de alguma marca, sabemos que isso é uma impossibilidade. São exatamente nossos diálogos que expressam nossos lugares, nossas *linguagens*, nossas *diferenças* e nos permitem reconhecer-nos ou não nos discursos alheios.

Então, quais são as possíveis aproximações entre *diferenças* e *linguagens*? Acreditamos que, antes de nos aventurarmos mais nessas reflexões, são necessárias algumas questões: (i) seria o caráter múltiplo e multifacetado dos conceitos de *diferenças* e de *linguagens*, os quais são temporal e espacialmente constituídos e alterados, que os aproximaria? Seriam as possibilidades múltiplas e multifacetadas de explicá-los e de entendê-los que sustentaria tal aproximação? (ii) o impacto de fatores sociais, históricos, culturais, situacionais, geracionais, e aqui podemos falar de muitos outros fatores, no modo como tais conceitos são produzidos, significados, compreendidos e apropriados, é o elemento que os aproxima? Será que o que os aproxima, então, é o impacto de todos esses fatores que marcam as *diferenças* e as *linguagens*? (iii) o fato de esses conceitos expressarem algo do humano e nos remeterem à condição humana, do diverso enquanto caracterizador do humano, é o que os aproxima?

As questões elencadas acima não possuem uma única possibilidade de resposta. E as respostas a cada uma delas não são necessariamente conclusivas, pois a cada nova possibilidade de resposta, outras perguntas encontram espaço. Para uma reflexão geral acerca de nossas possibilidades de compreender a aproximação entre *diferenças* e *linguagens*, podemos considerar que é *na* linguagem, *pela* linguagem, *com* a linguagem que nos constituímos, que nos relacionamos, que existimos. Podemos discutir, também, como nos relacionamos com o outro na/pela linguagem e como a linguagem, ao mesmo tempo em que nos leva a conhecer o outro, pode nos impedir de conhecê-lo tal qual ele de fato é. Esses aspectos são extremamente interessantes e a discussão sobre *linguagens* e *diferenças* perpassa as ciências de maneira geral. Mesmo as ciências conhecidas como naturais ou duras são impactadas pelas *linguagens*, são marcadas pelas *diferenças*.

AS LINGUAGENS

Enfim, o que seriam essas *linguagens*? Primeiro: é possível pensar em diferentes *linguagens*. *Linguagens* tanto humanas quanto não humanas, naturais ou artificiais, as quais de alguma maneira possibilitam a expressão, a compreensão, a comunicação, a cognição, a interação. Temos vertentes teóricas específicas que falam da linguagem como expressão do pensamento, como instrumento de comunicação, como fundamento da cognição ou como construção da interação. Cada uma dessas vertentes traz uma perspectiva diferenciada de abordagem da linguagem humana.

A linguagem é central ao humano, pois não há constituição do sujeito fora da linguagem. Foco de interesse desde a Antiguidade Clássica, a linguagem e, por sua vez, as línguas humanas têm suscitado diferentes questionamentos e inaugurado, no decorrer da história, diversas vertentes de estudo e distintos olhares sobre os aspectos sociais, culturais e cognitivos que a envolvem. Atualmente, a Linguística, ciência que possui a linguagem como objeto de estudo e reflexão, tem ampliado significativamente sua investigação. Influenciada pelas novas tecnologias, pelo estreitamento do diálogo com outras ciências e, também, pelas línguas de modalidade gesto-visual, os estudos linguísticos têm lidado com novas questões, públicos e perspectivas.

É importante considerarmos aqui que toda língua é uma linguagem, mas nem toda linguagem é língua. Esse é um aspecto riquíssimo da linguagem humana sobre o qual podemos refletir aqui. Na perspectiva da linguística, a língua tem um caráter social, político, cultural, mas há algo que a coloca como coroa de todas as demais *linguagens*: a possibilidade de usá-la como interpretante de todas as outras *linguagens*. O que nos seduz na língua é o fato de podermos refletir sobre a língua e falar da língua usando a própria língua. Com a língua podemos falar de quaisquer *linguagens*, inclusive dela mesma. E isso é uma característica muito peculiar à nossa humanidade, à nossa condição humana: o fato de estabelecermos reflexões, diálogos e relações na/pela/com a língua. Segundo Bakhtin (2003, p. 261), “todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem”. É por isso que a língua e os seus usos nos seduzem tanto.

O escritor e filósofo alemão Johann Wolfgang von Goethe afirmou, certa vez, que “aquele que não conhece uma língua estrangeira, não conhece a sua própria língua”¹ (GOETHE, 1821, p. 30). Esse apontamento é muito interessante porque quando passamos a conhecer uma nova língua, quando aprendemos outra língua, é que aprendemos a melhor olhar e compreender a nossa própria língua, visto que muito dessa compreensão se dá com a reflexão sobre a língua do outro em relação a nossa. A interação verbal realiza-se por meio de uma atitude responsiva ativa, pois “toda

¹ “Wer fremde Sprachen nicht kennt, weiß nichts von seiner eigenen”.

compreensão é prenda de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se locutor” (BAKHTIN, 2003, p. 290). As línguas carregam uma série de questões sociais, culturais, políticas e ideológicas. E quando a gente faz da língua do outro parte de nós mesmos é que nos reconhecemos e reconhecemos nossas *diferenças* em relação ao nosso outro.

Temos também que as *linguagens* se realizam *em* ou *por* diferentes maneiras e, assim como as línguas, podem ser, inclusive, de diferentes modalidades. E esse é um ponto relevante à nossa discussão, pois temos ainda na linguística alguns teóricos que se esquecem de que as línguas humanas manifestam-se em diferentes modalidades, nesse caso, na modalidade vocal-auditiva ou na gesto-visual (MEIER, 2004; QUADROS, 2006). A modalidade proporciona à língua riquezas e especificidades das mais diversas. E traz, também, para sua comunidade de falantes, modos específicos de olhar o mundo, de experienciar a realidade, de significar a existência e de vivenciar as relações. Então, conhecer uma língua gesto-visual é sempre enriquecedor. Altera o nosso olhar, a nossa maneira de pensar. E, da mesma forma, para os surdos falantes de Língua de Sinais o fato de conhecer e experienciar outras línguas gesto-visuais e vocal-auditivas, assim como outras *linguagens* visuais, escritas etc., é bastante enriquecedor, pois amplia o olhar, não só sobre o que é realidade, sobre o que é língua, mas sobre nós mesmos, sobre o que é o humano, sobre o espaço de diálogo com o outro e de compreensão do outro.

AS DIFERENÇAS

Outro tema muito comum na atualidade são as *diferenças*. Tornou-se natural ouvir os mais variados discursos sobre *diferenças*, os quais, por diversas vezes, assumem conceitos demasiadamente confusos, equivocados e banalizados que desconsideram as relações de poder e os processos de diferenciação que marcam a produção das *diferenças* (SILVA, 2006, p. 98). É importante compreender que as *diferenças* constituem o humano, fazendo parte de qualquer sujeito. Entretanto, alguns insistem em usar a palavra *diferença(s)* esvaziada de seu conceito, como um sinônimo eufônico para deficiência(s) ou, até mesmo, como unívoco de humano. Muitos são aqueles que defendem que se suprima a palavra deficiência, substituindo-a por diferença. Ou que pensam as *diferenças* de forma naturalizada e cristalizada, como se as *diferenças* fossem simplesmente dadas e não social e historicamente produzidas (SILVA, 2006).

Portanto, *diferenças* e deficiências, neste texto, não são nem podem ser sinônimos, pois as *diferenças* constituem o humano, em qualquer uma de suas manifestações, independente se o sujeito possui ou não uma deficiência. Portanto, as *diferenças* não podem ser reduzidas à noção de deficiência. Não estamos falando com base numa perspectiva clínica e muito menos circunscritos à

noção de que, por si só, a deficiência é *diferença*. Estamos olhando de um lugar que nos permite entender que as *diferenças* constituem o humano, sendo que o humano não existe se não for no campo das *diferenças* sócio historicamente construídas. De qualquer maneira, como nos adverte Rodrigues (2006, p. 308), “nem todo conhecimento da ‘diferença’ conduz à sua aceitação”, visto que “o conhecimento da diferença não é sempre positivo; podemos conhecer para melhor segregar”.

É relevante salientar novamente que as *diferenças* e as formas de enxergá-las ou de concebê-las são construções sociais e históricas (SILVA, 2006). Só temos como olhar o outro social e historicamente, num dado tempo e espaço. E não temos como lançar um olhar que não seja da nossa época, que não seja embebido de nossa cultura. O olhar sobre as *diferenças* precisa respeitar o momento histórico, o *espaçotempo*, em que elas se constituíram e se manifestaram. O olhar anacrônico sobre as *diferenças* sócio-historicamente construídas faz-nos perder a riqueza do momento em que as *diferenças* se localizam, pois você acaba por reduzir o momento ao *tempoespaço* que não é o dele. Para Skliar (1998, p. 6), a noção de *diferença* “como significação política é constituída histórica e socialmente; é um processo e um produto de conflitos e movimentos sociais, de resistências às assimetrias de poder e saber, de uma outra interpretação sobre a alteridade e sobre o significado dos outros no discurso dominante”.

O olhar sobre as *linguagens* e as *diferenças* não deve incorrer no erro de reduzi-las ao tempo a que não pertencem nem a experiência vivida que não é a delas. Skliar (2011, p. 28) nos alerta, também, para o fato de que “quase ninguém reconhece vozes cuja origem não seja as suas próprias [...] quase ninguém encarna a pegada que deixam outras palavras, outros sons, outros gestos, outros rostos”. Então, precisamos apreciar de outra maneira as realidades que nos revelam o que são ou o que não são *diferenças*, cedendo-nos a escuta do outro.

Devemos, também, tomar cuidado com os discursos descomprometidos com a realidade histórica e social, os quais confundem *diferenças*, igualdade e mesmidade, por exemplo, colocando-nos em ciladas teóricas. E, muitas vezes, somos surpreendidos pelas próprias ciladas da linguagem que são ciladas conceituais e terminológicas. Considerando as *diferenças*, Rodrigues e Gonçalves (2013, p. 10) escrevem:

as diferenças, portanto, são expressões socialmente construídas a partir da diversidade do humano e de suas maneiras de se organizar, de se expressar, de se pensar e de se explicar no e para o mundo. Diferenças não implicam desigualdade, e supõem a igualdade e o combate à mesmice. Assim, a comunhão com as diferenças constrói-se com base na consciência política que zela pela liberdade, pela igualdade, pela cidadania e pelos direitos civis, sociais e políticos. [...] O direito à diferença

pressupõe a convivência pacífica com o outro como valor vital. Isso não quer dizer que não haja tensões e conflitos no estabelecimento dessa convivência, mas, sim, que o diálogo constitui-se como a base do convívio em sociedade, como o momento de encontro do eu com os outros.

Só percebemos nossas *diferenças* pelo outro. Ninguém percebe suas *diferenças* se viver isolado, sem ninguém mais, pois sem o outro o sujeito nem se percebe. Além disso, as *diferenças* fazem-se e se desfazem, fiam-se e se desfiam, são construídas e desconstruídas, o tempo todo. Segundo Santos, “temos o direito de ser iguais sempre que a diferença nos inferioriza; temos o direito de ser diferentes sempre que a igualdade nos descaracteriza” (SANTOS, 1999, p. 44). É interessante notar que as *diferenças* são construídas e desconstruídas *na e pela* linguagem, porque é no plano discursivo que significamos as *diferenças*. E esse aspecto é muito importante para entendermos as relações intrínsecas entre as *diferenças* e as *linguagens*. As *diferenças* não são simplesmente dadas, mas são discursivamente formadas e significadas, visto que “todos somos, para nós ou para os outros, em algum tempo, em um dado espaço, diferenças!” (RODRIGUES; GONÇALVES, 2013, p. 16). Sempre problematizaremos, entenderemos e discutiremos as diferenças de distintos lugares e de diferentes pontos de vista.

É o momento de retomarmos nossos questionamentos iniciais sobre o porquê e o como os conceitos de *diferenças* e *linguagens* nos afetam. Seríamos afetados pelo caráter múltiplo e multifacetado que esses conceitos possuem, os quais são temporal e espacialmente construídos e alterados? Seríamos afetados pelo impacto dos fatores sociais, históricos, culturais e situacionais que nos atraem nos conceitos em questão, já que nos levam a pensar em distintas maneiras de produzir, de significar, de compreender e de se apropriar deles? Seríamos afetados pelo fato de esses conceitos expressarem a nossa própria condição humana? Será que é justamente isso que nos atrai neles? Será que em algum momento as pessoas se conhecem e conversam sem evocar os sentidos que estão vinculados aos conceitos ou às noções que temos sobre *linguagens* e *diferenças*?

Enfim, as *diferenças* e as *linguagens* nos constituem e são constituídas por nós. E a nossa riqueza não está em sermos unos, mas, sim, em compartilharmos de toda essa diversidade que vivenciamos no dia a dia e, também, em entendermos que *diferenças* e *linguagens* nos atravessam em todos os momentos, em todas as nossas experiências.

LINGUAGENS E DIFERENÇAS SURDAS

Após tecermos reflexões gerais sobre *diferenças* e *linguagens*, podemos iniciar nosso diálogo sobre as *diferenças surdas*. Ao tratarmos das *diferenças surdas* como *diferenças* que se

constituem no campo das *linguagens*, abordaremos aspectos gerais da condição posta pela surdez, problematizando e destacando os *ganhos surdos*. Destacaremos as implicações da especificidade linguística e cultural dos surdos sobre eles mesmos e sobre suas relações sociais e trajetórias educacionais. Vale iniciarmos com uma observação apresentada por Skliar (1997, p. 127),

se os surdos foram excluídos de aprendizagens significativas, obrigados a uma prática de atividades sensório-motoras e perceptuais, mas não de conteúdo de abstração, se foram impedidos de utilizar a Língua de Sinais em todos os contextos de sua vida, então nada têm a ver os surdos nem a Língua de Sinais com as supostas limitações no uso dessa língua, na aquisição de conhecimentos e no desenvolvimento de seu pensamento [...] se aos surdos foi negada historicamente sua identidade e sua língua, seria um simples reducionismo acusá-los de ter limitações em seus processos psicológicos superiores.

Atualmente, para além das questões linguísticas e culturais, um dos aspectos centrais que se destaca em relação aos surdos são os *ganhos surdos*, entendidos como formas surdas de ser no mundo (visuais, espaciais, com estruturas cinéticas) que contribuem para questões cognitivas e criativas, bem como para a diversidade cultural da existência humana (BAUMAN; MURRAY, 2010; QUADROS; STROBEL; MASUTTI, no prelo). Todavia, por que é relevante discutirmos a questão dos *ganhos surdos*? Como isso tem se apresentado atualmente? O que de fato significa falar de *ganhos surdos*?

Tomemos como exemplo a realidade vivenciada hoje na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), uma instituição com um número significativo de surdos, tanto como professores quanto como alunos, um lugar onde os *ganhos surdos* têm se tornado visíveis. As *linguagens* e as *diferenças*, no que se refere aos surdos, são marcantes na UFSC. Pensemos que as universidades brasileiras têm como língua de instrução o português e estão organizadas a partir da perspectiva dos ouvintes. Entretanto, num dado momento histórico, uma dessas instituições, no caso a UFSC, passa a receber um número considerável de surdos, professores e alunos (QUADROS; STROBEL; MASSUTTI, no prelo). A presença de novos sujeitos com *linguagens* e *diferenças* marcantes traz à universidade novas realidades caracterizadas por formas surdas de ser no mundo, visuais, baseadas em experiências cinéticas, por sentidos que se manifestam de outras formas, não comuns aos ouvintes.

Essas *linguagens e diferenças surdas* são difíceis de serem compreendidas pelas pessoas que não são surdas. De qualquer maneira, a simples possibilidade de encontro com os surdos traz ganhos diversos aos ouvintes. Então, essas *experiências surdas* que são visuais, que são expressas por sentidos não pautados pela audição, vão contribuir em questões de ordem relacional e cognitiva

e se manifestar nas infinitas possibilidades de realização das *diferenças* e das *linguagens* humanas. Resultam dessas experiências os *ganhos surdos*, os quais se tornam mais visíveis no Brasil por meio do curso de Letras-Libras da UFSC. Além disso, temos, hoje, pesquisas que tratam de ganhos cognitivos que envolvem certa redefinição da natureza da linguagem humana (por exemplo, veja alguns vídeos e apresentações recentes sobre *Visual Language e Visual Learning* em <http://webcast.gallaudet.edu/>), pois aquilo que se aprende a partir da visão é altamente potencializado pelas *experiências surdas* (BAUMAN, 2010; BAUMAN; MURRAY, 2010). E o que se aprende com os *ganhos surdos* pode ser aplicado à educação.

Características do cérebro humano, que envolvem a questão da plasticidade e da flexibilidade, as quais podemos observar, por exemplo, nos estudos de aquisição de linguagem – aquisição de Línguas de Sinais em crianças surdas, filhas de pais surdos, e, também, aquisição de Língua de Sinais e de Língua Oral, em crianças ouvintes, filhas de pais surdos – evidenciam a habilidade humana de gerar ganhos no desenvolvimento de suas capacidades, a partir de uma língua visual (PETITTO et al., 2000).

Se pensarmos na questão da origem da linguagem, podemos considerar o lugar do gestual, já que a linguagem humana, a capacidade humana de aquisição de uma língua, demonstra que o encontro entre surdos conduziu a produção de uma língua visual, de uma Língua de Sinais, a qual se inicia por meio de uma comunicação gestual que gradativamente vai se tornando mais elaborada ao ponto de constituir uma língua capaz de refletir coisas extremamente complexas, ou seja, de produzir um sistema linguístico com uma gramática própria – ver, por exemplo, Sandler, Meir, Padden e Aranoff (2005). Nesse sentido, a Língua de Sinais e seu uso envolvem apuradas questões linguísticas, cognitivas e sociais.

Cabe falarmos agora de alguns desses achados que provêm da língua gesto-visual, da Língua de Sinais, e, portanto, das *experiências surdas*. A orientação visual e espacial, apuradas pela Língua de Sinais, contribui significativamente com a maior velocidade na geração de imagens mentais. Pesquisas evidenciam a habilidade de identificar o processamento de imagem mental visualmente, em oposição à habilidade de identificação auditiva – por exemplo, a capacidade cognitiva que evidencia plasticidade cerebral e flexibilidade biológica para a aquisição da linguagem, constatada em estudos como Petitto et al. (2000); valores intrínsecos da linguagem que são destacados a partir dos estudos com as Línguas de Sinais, em Burke (2006); e vantagens visuais que são observadas em crianças surdas adquirindo a Língua de Sinais e a relação com o seu letramento, mencionada por Kuntze (2008); entre outros. Os resultados atestam que, nessa questão, os surdos têm uma agilidade

maior do que as pessoas ouvintes. Habilidades mentais apuradas de rotação também têm sido observadas como resultantes da Língua de Sinais, das *experiências surdas*.

O que seriam essas habilidades de rotação? Por exemplo, quando os ouvintes observam o intérprete fazendo Língua de Sinais é comum que eles espelhem essa sinalização. Já o surdo que responde a essa interpretação nunca espelha – ver mais detalhes em Emmorey, Klima e Hickok (1998). O surdo responderá na sua perspectiva, ele fará essa rotação. E isso é uma habilidade mental, uma marca das *diferenças*, um *ganho surdo*. Então, quando trabalhamos com o ensino de Libras, como segunda língua pra ouvintes, vemos claramente que os ouvintes têm a tendência natural de espelhar. E eles fazem isso até se habituarem à modalidade gesto-visual e aprenderem a Língua de Sinais.

Outra habilidade interessante que se evidencia nas *diferenças surdas* é a habilidade para o reconhecimento da face, a qual vem sendo empregada, inclusive, em tecnologias de ponta (BETTGER; EMMOREY; McCULLOUGH; BELLUGI, 1997). Vale mencionar que o reconhecimento de face e, portanto, a influência que tem a informação facial na comunicação, são aspectos importantes dos *ganhos surdos*. Além dessa apurada habilidade de reconhecimento da face, o aumento de habilidades de reconhecimento periférico que, em consequência, leva ao desenvolvimento apurado da visão periférica, também é uma evidencia de *ganho surdo*. Algumas pesquisas mostram que os surdos desenvolvem uma visão periférica diferenciada, visto que têm aumentada a captação periférica de informações quando comparados aos ouvintes (BAVELIER et al., 2000).

Outro *ganho surdo* manifesta-se na diversidade criativa e cultural. Desde o século XIX, os surdos, nesse caso os europeus, realizam certas reuniões com fins sociais, políticos e culturais. Os conhecidos “banquetes de surdos em Paris” demonstram como as reuniões de surdos cumpriam funções políticas, artísticas e de lazer. Nesses banquetes, os surdos vivenciavam certos rituais e formas criativas de produção da Língua de Sinais, os quais se caracterizavam por meio de contos, histórias e produções poéticas (FISHER; LANE, 1993; SUTTON-SPENCE, 2012). Mesmo com a escassez de registros históricos dessas produções criativas e culturais decorrentes de tais banquetes, os registros que temos são suficientes para recuperarmos isso. A tecnologia favorece a manutenção e a circulação de tais produções na atualidade. Basta acessarmos o Youtube para encontrarmos diversas *produções surdas* de ótima qualidade, as quais trazem um diversidade de gêneros e possibilidades de uso da Libras de maneira criativa.

É interessante notarmos que as *diferenças surdas* ganham formas por meio de diversas *linguagens*! Portanto, uma das coisas importantes para a manifestação da *diversidade*

criativa e cultural surda é o fato de os surdos estarem juntos. As Línguas de Sinais, assim como as outras línguas, só fazem sentido quando há o encontro surdo-surdo. Os *ganhos surdos* só tomam forma, só se manifestam a partir do encontro de surdos com surdos. Esses encontros trazem à tona, não somente produções que envolvem a Língua de Sinais, mas também produções da ordem do visual, do gestual, do corporal, do cinético, do expressivo.

IMPLICAÇÕES DAS LINGUAGENS E DIFERENÇAS SURDAS

Antes de destacarmos os *ganhos surdos* no Brasil e seus impactos na educação, é importante alertar para o fato de que, muitas vezes, damos mais destaque às perdas, aos problemas que enfrentamos com as *linguagens e diferenças surdas* na educação, ao invés de vermos os *ganhos surdos*. Acreditamos que as *linguagens e diferenças surdas* na educação precisam “produzir uma política de significações que gera um outro mecanismo de participação dos próprios surdos no processo de transformação pedagógica” (SKLIAR, 1998, p. 14).

É importante considerarmos que temos vários avanços e conquistas decorrentes dessas *linguagens e diferenças surdas*, os quais merecem ser tratados aqui. Esses avanços e essas conquistas se intensificaram significativamente com a promulgação da Lei 10.436/02 e sua regulamentação pelo Decreto 5.626/05, o que contribuiu com a ampliação da visibilidade e da difusão da Libras, principalmente, na educação. Segundo Rodrigues (2011, p. 30),

no Brasil, a ampliação do acesso de surdos à educação e ao ensino superior, principalmente, por meio do curso de Letras-Libras – promovido pela Universidade Federal de Santa Catarina junto a diversas instituições conveniadas e ao MEC – e à pós-graduação *latosensu* e *strictosensu* também marcam a atualidade. É fato que todos esses aspectos resultam de diversas mudanças históricas, tanto no campo das ideias quanto no das ações. Os surdos e a surdez, sujeitos e temática, ignorados por séculos, hoje constituem e expressam um campo específico de saber, o qual tem sido significado e caracterizado por dimensões e aspectos culturais, antes improváveis e impensáveis.

A legislação brasileira atual, de certa forma, contribui com uma Política Linguística favorável à Libras, ainda que tenhamos uma Política Educacional que não seja tão favorável assim. Temos, atualmente no Brasil, a difusão de certa consciência multilíngue nos processos de tradução e de interpretação da/para a Libras, na visibilização de *diferenças e linguagens surdas* e na negociação linguística e cultural entre surdos e ouvintes, por exemplo. Assistimos o estabelecimento do encontro surdo-surdo por meio de diversas redes de contato, presenciais e

virtuais, assim como a ampliação do acesso dos surdos ao meio acadêmico e a ação dos próprios surdos como atores da Educação de Surdos, pois “a atualidade, configurando-se por meio da visão da surdez como diferença, dá vez e voz aos surdos” e, portanto, proporciona “a construção de um novo paradigma da surdez, o qual se fundamenta no rejuvenescimento de um antigo discurso, que nas mãos de ‘personagens dantes mudas’ passa a ser protagonizado e legitimado nos meandros do próprio ‘ser surdo’, que se toma autor” (RODRIGUES, 2011, p. 31).

Vimos que as *diferenças surdas*, marcadas pela Língua de Sinais e pela visualidade, produzem ganhos, inclusive, em termos de representações mentais. Esses *ganhos surdos* têm efeitos diretos na educação. Quando falamos, por exemplo, “pense do jeito surdo” estamos fazendo alusão às potencialidades decorrentes dessas *diferenças surdas*. Quando a UFSC passou a produzir os materiais para o Letras-Libras, ela montou uma equipe com surdos que tinha como uma de suas tarefas imputar aos materiais certo *jeito surdo*, ou seja, uma maneira de pensar com base em representações imagéticas capazes de se traduzirem na própria Língua de Sinais e em aspectos visuais. Essa potencialização da representação imagética na organização de conhecimentos possibilita a construção de um texto que deixa de ser linear, ganhando contornos de simultaneidade e de visualidade (QUADROS; STROBEL; MASUTTI, no prelo; COLEÇÃO LETRAS LIBRAS, 2013).

Um dos principais aspectos derivados do *ganho surdo* refere-se à consciência multilíngue no Brasil, a qual impacta significativamente a sociedade e a educação brasileiras. Com a ação dos surdos por meio do Movimento Surdo Brasileiro, temos visto essa consciência multilíngue ganhar formas e dimensões interessantes, as quais têm se manifestado em Políticas Linguísticas, tais como o Decreto 5.626/05. Segundo Oliveira (2007, p. 8),

[...] nas duas últimas décadas, entretanto, o panorama das reivindicações dos movimentos sociais, a diversificação de suas pautas, o crescimento das questões étnicas, regionais, de fronteira, culturais, tornaram muito mais visível que o Brasil é um país constituído por mais de 200 comunidades linguísticas diferentes que, a seu modo, têm se equipado para participar da vida política do país. Emergem em vários fóruns o conceito de “línguas brasileiras”: línguas faladas por comunidades de cidadãos brasileiros [...] independente de serem línguas indígenas ou de imigração, línguas de sinais ou faladas por grupos quilombolas.

Não somente as determinações legais passam a expressar essa consciência multilíngue brasileira, mas, sim, o discurso em torno das *linguagens e diferenças surdas*, o qual passa a circular na sociedade e na academia, promovendo novas discussões e revitalizando os debates que reagem e descontroem o mito de que o Brasil é monolíngue (QUADROS, 2005).

Quando assumimos esse discurso, fundamentado em uma consciência multilíngue, provocamos no país uma reflexão consistente sobre as *diferenças surdas*, a qual terá como uma de suas consequências a implementação de Política Linguísticas que favoreçam ações de reconhecimento e de promoção da diversidade linguística brasileira. Nos últimos anos, por exemplo, passamos a ver a criação de cursos de formação de professores de Libras e o oferecimento de cursos de formação de tradutores e de intérpretes de Libras-Português, inclusive por meio de cursos de Letras-Libras. Essa movimentação em relação a Libras e ao seu reconhecimento tem provocado uma mudança de mentalidade e de representações sobre os surdos e a surdez (RODRIGUES, 2011).

Quando um professor da disciplina de Libras passa a compor o quadro das universidades brasileiras, principalmente nos cursos de licenciatura e de Fonoaudiologia, para abordar a Língua de Sinais, há o desencadeamento de um consistente processo de transformação social, política, cultural e acadêmica. A presença da Libras como disciplina curricular contribui com a mudança da realidade das línguas no país, até então definido em termos monolíngues: o Português é a única língua do Brasil. Assim, temos a visibilização da Libras e a construção de uma nova consciência capaz de entender o fato de termos várias línguas indígenas e de imigrantes que vivem no Brasil, dentre outras (CAVALCANTI, 1996). Isso é um *ganho surdo*, pois o fato de existir uma Lei que reconhece uma língua, que não o Português, como língua nacional abre espaço para o reconhecimento oficial de todas as línguas faladas no Brasil como línguas nacionais.

A visibilidade de *diferenças* culturais também é um aspecto favorecido pelas *diferenças surdas*. No Brasil, percebemos que os surdos começaram a ocupar espaços sociais e acadêmicos, o que torna as *diferenças* mais visíveis que antes. E isso faz com que as *diferenças* sejam reconhecidas, respeitadas e valorizadas como formas humanas legítimas de existência. A presença e circulação de surdos em diferentes esferas sociais modifica as relações interpessoais e profissionais e promove espaços de negociação linguística e cultural entre surdos e ouvintes. Em muitas universidades brasileiras, por exemplo, os professores e os alunos surdos não têm sido mais considerados nem tratados como incapazes, como deficientes que carecem de assistencialismos. As relações passam a ser de outra ordem. Os demais professores e alunos ouvintes passam a compreender as *diferenças surdas* e se tornam parceiros nas reivindicações dos surdos. E isso também é um *ganho surdo* que marca a educação.

Nesse caso, a negociação instaura-se com a presença ativa dos surdos na sociedade e no processo educacional, tornando visíveis as *diferenças* entre surdos e ouvintes. A negociação implica que surdos e ouvintes sejam atores e autores com vez e voz. Os surdos deixam de ser o alvo das

negociações para se tornarem parte dela, sujeitos ativos e atuantes sobre sua própria realidade. A negociação precisa incorporar as dimensões dos espaços em que ela é feita. Em relação a essa negociação linguística e cultural, entre os surdos e os ouvintes, o *ganho surdo* manifesta-se pela possibilidade de se estabelecer uma negociação constante num mesmo nível, sem depreciar ou inferiorizar os surdos ou os ouvintes.

Com as *diferenças e linguagens surdas*, o espaço das línguas torna-se outro. Nas salas de aula, por exemplo, encontramos novas configurações decorrentes do uso de uma língua gesto-visual e do lugar da visualidade na aprendizagem dos surdos. Uma nova organização física do espaço, a presença de intérpretes, outra dinâmica dos processos, novas possibilidades de interação, tudo é negociado. Até mesmo as tomadas de turno assumem novas dinâmicas e configurações que passam a ser negociadas e significadas pelas *diferenças surdas*. Nesse conjunto de *ganhos surdos*, o encontro surdo-surdo é um elemento aglutinador e central, pois é no encontro que os surdos potencializam seu contato, tanto para fins pedagógicos como para fins políticos e de lazer. E esse encontro não se dá somente presencialmente, o encontro virtual também é muito significativo. Vale dizer que os surdos significam esses contatos on-line de formas muito específicas.

Enfim, a presença dos surdos de forma ativa na universidade, na qualidade de *professorespesquisadores* e de estudantes de graduação e de pós-graduação, tem impactos na realidade do país e, inclusive, na formação profissional e nas produções acadêmicas e de pesquisa. Portanto, nessa discussão sobre os *ganhos surdos*, a perspectiva assumida por nós é a da adição, uma vez que tanto os surdos quanto os ouvintes ganham. Os *ganhos surdos* são ganhos para a sociedade como um todo. Ganhamos em termos de língua, de cultura, de identidade, de política, pois somamos esses aspectos no sentido da promoção da sociedade e da educação. Os *ganhos surdos* são vantagens tanto para os surdos quanto para os ouvintes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, podemos afirmar que esses *ganhos surdos* são decorrentes da centralidade dessa *experiência visual* dos surdos, a qual se realiza sem a interferência da referência auditiva. Nesse sentido, assumindo as *linguagens* e as *diferenças* como inerentes ao humano, como formas legítimas de existência, não podemos mais olhar a surdez como deficiência, como ausência, como *déficit*, mas precisamos, sim, deslocar-nos em direção a uma nova perspectiva que entende e reconhece o surdo como aquele que experiencia o mundo pela visão. A presença da visão, sem acesso à audição, potencializa aspectos do humano que nós ouvintes não somos capazes de

naturalmente potencializar e apurar. Assim, as *diferenças surdas* favorecem *ganhos surdos* efetivos, os quais trazem significativas implicações à educação.

Nesse sentido, a Educação de Surdos precisa ser ressignificada levando-se em consideração as *linguagens*, as *diferenças*, as *experiências* e os *ganhos surdos*. Precisamos (i) legitimar a experiência visual na educação bilíngue; (ii) assegurar o desenvolvimento sócio-emocional das crianças surdas, a partir da identificação e do encontro com surdos adultos e crianças; (iii) criar um ambiente linguístico-social apropriado às formas particulares de processamento cognitivo e linguístico das crianças surdas; (iv) garantir as possibilidades de as crianças surdas construírem uma teoria de mundo; (v) oportunizar o acesso à informação curricular e cultural e (vi) garantir que os surdos sejam atores e autores da sua própria educação.

Enfim, a educação se faz num espaço de negociação, no qual as *linguagens* e as *diferenças* estabelecem tensões e diálogos. Portanto, as negociações somente são possíveis quando o outro deixa de ser convidado e passa a ser integrante da rodada. Como convidado, sua posição sempre é subalterna à de quem convidou. Quando somos apenas visita na casa de alguém, não falamos o que queremos. Na qualidade de visita ficamos mais quietos. No entanto, quando deixamos de ser visita, a relação é de outra ordem. Podemos, então, começar a negociar efetivamente. Assim, os espaços de negociação tornam-se possíveis quando o outro passa a ser um “eu” no espaço compartilhado, sendo, ao mesmo tempo, o outro diante do outro eu, traduzindo-se nas alteridades que convivem umas com as outras.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAUMAN, Dirksen. *What frames of reference have we used to see deafness in Deaf people?* Disponível em: <<http://www.chs.ca/en/home/ministry.of.education-campaign/bauman->>. 2010. Acesso em: dez. 2010.
- _____; MURRAY, Joseph J. Deaf Studies in the 21st century: “Deaf-gain” and the future of human diversity. In: MARSCHARK, Marc; SPENCER, Patricia Elizabeth. (Ed.). *The Oxford Handbook of Deaf Studies, Language, and Education*. New York: Oxford University Press, 2010. v. 2, p. 210-225.
- BAVELIER, Daphene; TOMANN, Andrea; HUTTON, Chloe; MITCHELL, Teresa V.; CORINA, Davi P.; LIU, Guoying; NEVILLE, Hellen J. Visual attention to the periphery is enhanced in congenitally deaf individuals. *Journal of Neuroscience*, Stanford, v. 20, n. 17, p. 1-6, 2000.
- BETTGER, Jeffrey G.; EMMOREY, Karen; McCULLOUGH, Stephen. H.; BELLUGI, Ursula. Enhanced facial discrimination: Effects of experience with American Sign Language. *Journal of Deaf Studies and Deaf Education*, Oxford, v. 2, n. 4, p. 223-233, 1997.
- BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 dez. 2005.
- _____. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 25 abr. 2002.

-
- BURKE, Teresa Blankmeyer. Bioethics and the Deaf community. In: LINDGREN, Kristin A.; DELUCA, Doreen; NAPOLI, Donna Jo. (Ed.). *Sign and voices: Deaf culture, identity, language, and arts*. Washington D.C.: Gallaudet University Press, 2006. p. 63-74.
- CAVALCANTI, Marilda do Couto. Collusion, resistance and reflexivity: Indigenous teacher education in Brazil. *Linguistics and Education*, Wyoming, v. 8, n. 2, 1996, p. 175-188.
- COLEÇÃO LETRAS LIBRAS - USFC [Site]. [2006]. Conteúdos dos Hiperlivros do Curso de Educação a Distância. Disponível em: <<http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/>>. Acesso em: 19 nov. 2013
- EMMOREY, Karen; KLIMA, Edward; HICKOK, Gregory. Mental rotation within linguistic and nonlinguistic domains in users of American Sign Language. *Cognition*, Hestington, v. 68, n. 3, p. 221-246, 1998.
- FISHER, Renate; LANE, Harlan. *Looking Back: A Reader on the History of Deaf Communities and their Sign Languages*. Hamburg: Signum-Verlag, 1993.
- GALLAUDET UNIVERSITY WEBCAST [site]. [19--]. Arquivos diversos de conteúdos multimídia. Disponível em: <<http://webcast.gallaudet.edu/>>. Acesso em: 19 nov. 2013.
- GOETHE, Johann Wolfgang. *Ueber Kunst und Alterthum*. Stuttgart: Cotta, 1821. v. 3.
- KUNTZE, Marldh. Turning literacy in its head. In: BAUMAN, H-Dirksen. (Ed.). *Open your eyes: Deaf Studies talking*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008. p. 146-157.
- MEIER, Richard P. Why different, why the same? Explaining effects and non-effects of modality upon linguistic structure in sign and speech. In: MEIER, Richard P.; CORMIER, Kearsy; QUINTO-POZOS, David. *Modality and structure in signed and spoken languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. p. 1-25.
- OLIVEIRA, Gilvan Müller. Prefácio. In: CALVET, Louis Jean. *As políticas linguísticas*. São Paulo: Parábola; Florianópolis: IPOL, 2007. p. 7-10.
- PETITTO, Laura Ann; ZATORRE, Robert J.; GAUNA, Kristine; NIKELSKI, Erwin James; DOSTIE, Deanna; EVANS, Allan C. Speech-like cerebral activity in profoundly deaf people while processing signed languages: implications for the neural basis of human language. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, United States of America, v. 97, n. 25, p. 13961-13966, 2000.
- QUADROS, Ronice Müller. Efeitos de Modalidade de Língua: as Línguas de Sinais. *ETD – Educação Temática Digital*, Campinas, v. 7, n. 2, p. 168-178, jun. 2006.
- _____. O bi do bilingüismo na educação de surdos. In: FERNANDES, Eulália. *Surdez e bilingüismo*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005. p. 26-36.
- _____; STROBEL, Karin; MASUTTI, Mara. Deaf gains in Brazil. In: BAUMAN, H-Dirksen; MURRAY, Joseph. (Ed.). *Deaf Gains*. Cambridge. (no prelo).
- RODRIGUES, Carlos Henrique. Da Margem ao centro: preparando um novo campo de debate e reflexão. *Revista da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos – Feneis*, Rio de Janeiro, n. 42. p. 30-34, dez./fev. 2011.
- _____; GONÇALVES, Rafael Marques. (Org.) *Educação e Diversidade: questões e diálogos*. Juiz de Fora: EDUFJF, 2013.
- RODRIGUES, David. Dez idéias (mal)feitas sobre a educação inclusiva. In: RODRIGUES, David. (Org.). *Inclusão e educação: doze olhares sobre a educação inclusiva*. São Paulo: Summus, 2006. p. 299-318.
- SANDLER, Wendy.; MEIR, Irit; PADDEEN, Carol; ARANOFF, Mark. The emergence of grammar in a new sign language. *Proceedings of the National Academy of Science*. United States of America, v. 102, n. 7, p. 2661-2665, 2005.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. A Construção Multicultural da Igualdade e da Diferença. *Oficina do CES*, n. 135, 1999. Publicação seriada do Centro de Estudos Sociais. Colégio São Jerónimo, Coimbra. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/135/135.pdf>>. Acesso em: 28 jan. 2012.
- SILVA, Tomas Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomas Tadeu da. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. p. 73-102.
- SKLIAR, Carlos. (Org.). *A Surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- _____. (Org.). *Educação e exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial*. Porto Alegre: Mediação, 1997.

SKLIAR, Carlos. Conversar e conviver com os desconhecidos. In: FONTOURA, Helena Amaral (Org.). *Políticas Públicas, Movimentos Sociais: desafios à pós-graduação em Educação em suas múltiplas dimensões*. Rio de Janeiro: ANPEd Nacional, 2011. p. 27-37.

SUTTON-SPENCE, Rachel. Poetry. In: PFAU, Roland; WOLL, Bencie. (Ed.) *Handbook of Sign Linguistics*. The Hague: Mouton, 2012. p. 998-1022.

VL2 WEBSITE. [Site]. [2007]. Língua visual e aprendizagem visual. Disponível em: <<http://vl2.gallaudet.edu/>>. Acesso em: 19 nov. 2013.

RESUMO

Considerando os conceitos de diferença(s) e linguagem(ns) e suas infinitas possibilidades e relações, problematizamos e refletimos sobre o uso desses conceitos para se pensar o humano e, portanto, compreender os surdos e a Língua de Sinais. Entendemos que a temática das “*linguagens e diferenças*” no campo dos Estudos Surdos é extremamente importante na atualidade, pois impacta a educação, a formação de professores e diversos outros espaços e esferas sociais de maneira significativa. Nesse sentido, tecemos uma discussão, dentro do recorte “*linguagens, diferenças e ganhos surdos*”, com o intuito de melhor entendermos as *diferenças* e as *linguagens* a partir de nossas trajetórias e experiências junto aos surdos e às Línguas de Sinais. Em síntese, vimos que as *experiências surdas* que são visuais, que são expressas por sentidos não pautados pela audição, vão contribuir em questões de ordem relacional e cognitiva e se manifestar nas infinitas possibilidades de realização das *diferenças* e das *linguagens* humanas.

Palavras-chave: Diferenças. Linguagens. Libras. Surdos. Ganhos Surdos.

ABSTRACT

Having taken into consideration the concepts of differences and languages and their countless possibilities and relationships, we have discussed and reflected on the use of these concepts to analyze the human condition, in order to understand the Deaf and sign language. We understand that the issue of “languages and differences” in the field of Deaf Studies is extremely important nowadays, as it deeply affects education, teacher training and many other areas, including the significant impact on social spheres. Hence, we have discussed the topic “*languages, differences and deaf gains*” in order to better understand *differences* and *languages* based on our experiences with deaf people and Sign Language. In sum, we have observed that *deaf visual experiences*, which are not based on hearing, will contribute to matters involving relational and cognitive areas, and will be present in infinite possibilities to accomplishing *differences* and human *languages*.

Keywords: Differences. Languages. Libras (Brazilian Sign Language). Deaf. Deaf Gains.

Submetido em: agosto de 2014
Aprovado em: dezembro de 2014